

Didé: O levante!

Levantando-se na Resistência - Um Eco Ancestral das Margens do Rio Subaé

Dayane Ribeiro Santos¹

“dentro do mar tem rio, dentro de mim tem o quê?”.

João Carlos Martins, (2020)

290

Como ser vivo apesar do peso dos metais? Como ainda existir diante das passagens em que ninguém lhe enxerga? O rio, em sua vastidão, não é apenas um espelho de águas, mas também um eco das perguntas que nos movem. São esses questionamentos que me conduziram ao encontro de reflexões mais profundas, na intersecção entre o ser e o ambiente que nos cerca. A escuta. Deixar o tempo conduzir o que poderia ser feito. O acontecimento-artístico Didé tem as suas configurações desenvolvidas nas tecituras sociais da cidade de Santo Amaro da Purificação na Bahia. Demarcadas pelo rio Subaé em sua beleza na vida e na sua penumbra da morte em relação com as feminilidades que coabitam o mesmo espaço-tempo.

Das águas de Oxum que me tomam na minha formação ontológica, sendo uma *omo orixá* no candomblé, não poderia deixar de ser afetada pelas águas do rio Subaé em sua existência. Sendo uma pesquisadora em trânsito, a observância me toma como qualidade de atenção e reflexão e como as paisagens são mortificadas no campo sensorial cotidianamente na não

¹ Pesquisadora, Educadora, Performer, Bacharela em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, Mestranda em Artes da Cena pelo Programa de Pós Graduação na UNICAMP.

possibilidade de indignação na existência do comum. Apesar do espaço ocupar e afetar, em toda a sua dimensão, a todos que vivem na mesma região.



291

Figura 1: Rio Subaé. Foto: Dayane Ribeiro, 2022.

Didé, em yorubá, significa levantar-se. A partir deste eco como um chamado ancestral elaborei este trabalho performativo na relação com as mulheres santoamarenses que permaneciam de pé diante das adversidades. Neste contexto, a performance se propôs a se relacionar com explorar os diversos significados materiais, simbólicos e espirituais do rio Subaé, mergulhando profundamente na sua essência e na interação com as mulheres santamarenses afetadas por sua contaminação, ocorrida por metais pesados, em especial o chumbo. Aderi ao conceito “Topografias afetivas” de Romanini (2021), que estabelece “o lócus de criação de ações performativas que afastam a dicotomia entre sujeito e ambiente para o surgimento de uma relação ética de vivência-ao-lado: uma pele-ambiente.” Compreendendo como a minha presença afeta e é afetada no fazer performativo.

O caminho desta jornada foi pavimentado através de pesquisas etnográficas imersivas. Tive a honra de ter, na abertura do caminho, Camila Silva, discente do CECULT-UFRB, que apresentou as mulheres das quais pude sentir/ouvir as vozes e as experiências que habitam as margens do rio. Elas foram ouvidas e honradas. Elas, que enfrentam diariamente as consequências de um crime ambiental de proporções devastadoras, são também vítimas do racismo ambiental que permeia essa tragédia.

Em busca de uma compreensão mais ampla e profunda, a performance lançou-se na aventura de expandir os horizontes sensoriais e os registros possíveis, buscando vivências que permitam uma conexão visceral com o rio que atravessa não apenas o território físico, mas também percursos subjetivos, políticos e espirituais de todos os envolvidos. Assim, a performance não se limitou a ser um espetáculo artístico, mas sim um mergulho nas águas profundas da consciência coletiva, uma celebração da resistência das mulheres santamarenses e um chamado à ação e à solidariedade em face da injustiça ambiental e do racismo estrutural.

292

Os pés firmes na terra, que histórias nos contam

Nas entranhas do Recôncavo Baiano, onde os murmúrios das águas do Rio Subaé ecoam entre os manguezais, reside uma história de dor e resiliência. Em meio à beleza desgastada das paisagens, encontra-se a história de violência e dor que permeia muitos santamarenses, ecoando através das gerações, como um lamento ancestral que se recusa a ser esquecido. Há décadas, a cidade de Santo Amaro da Purificação foi testemunha de uma tragédia silenciosa, quando a contaminação por chumbo se infiltrou nas veias do solo e das águas que a constitui. Esse metal pesado, sinônimo de progresso industrial para alguns, tornou-se um flagelo para os moradores locais, deixando um legado de doenças e sofrimento.

No ano de 1960, a Companhia Brasileira de Chumbo (COBRAC) estabeleceu-se a uma distância de 100 metros do Rio Subaé, na cidade de Santo Amaro, mediante autorização concedida pela empresa Peñarroya. Seu propósito era a produção de ligas de chumbo destinadas à exportação. Na época, não havia regulamentação específica para essa atividade industrial.

Em 1989, a Peñarroya vendeu a metalúrgica de Santo Amaro, que passou a operar sob o nome de Plunbum Mineração e Metalúrgica, sob a direção de um novo grupo empresarial. Este grupo, que já havia operado sob diferentes denominações em diversas localidades, assumiu a gestão da metalúrgica. Durante esse período, a empresa estava registrada sob uma razão social distinta. Em 1993, a fábrica foi abandonada devido às medidas exigidas para sua operação, resultando em uma grave contaminação na região. Até os dias atuais, essa contaminação persiste, gerando impactos negativos significativos sobre o meio ambiente e a saúde da população local. Durante sua operação, a usina despejou efluentes líquidos no Rio Subaé, lançando-os na Baía de Todos os Santos. Além disso, emitia material particulado gasoso através de chaminés e depositava parte de sua escória no solo por meio de uma bacia de rejeitos. Essa escória continha chumbo (Pb), zinco (Zn), cádmio (Cd), ferro (Fe) e outros elementos químicos.

293

As atividades econômicas da época na cidade não geravam retornos significativos para a população local. Com a chegada da empresa, esperanças de empregabilidade e desenvolvimento econômico foram renovadas na região. No entanto, essa expectativa foi eclipsada pelos danos devastadores infligidos aos santamarenses. A contaminação se propagou de diversas formas: através do consumo de animais aquáticos contaminados advindos da pesca, do contato direto das pessoas com o rio e áreas circundantes à fábrica, e até mesmo pelo simples ato das mulheres, sem conhecimento, lavarem as roupas de seus companheiros junto com as demais da casa, inadvertidamente expondo-se e expondo os demais residentes à contaminação, dentre outras formas.

Diante desses fatos, o município de Santo Amaro tornou-se tristemente célebre como a cidade mais contaminada por chumbo em todo o mundo. Os impactos desencadeados ao longo de quatro décadas ainda ecoam na realidade da região, deixando uma marca indelével que atravessa gerações e reflete-se na ausência de políticas públicas eficazes.

No município, residem 56 mil habitantes, dos quais 50,9% se autodeclararam pretos, 43,1% pardos, 5,8% brancos, e menos de 1% amarelos e indígenas, conforme dados do Censo 2022. Destaca-se que 6,9 mil indivíduos se identificam como quilombolas, representando 12,4% do total,

segundo o IBGE. Esses dados nos remetem claramente à ação e à degradação inerentes do racismo ambiental enfrentado por essas pessoas.

Para uma maior elucidação, apresento a definição de Racismo Ambiental na visão de Herculano:

Racismo ambiental é o conjunto de ideias e práticas das sociedades e seus governos, que aceitam a degradação ambiental e humana, com a justificativa da busca do desenvolvimento e com a naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados – negros, índios, migrantes, extrativistas, pescadores, trabalhadores pobres, que sofrem os impactos negativos do crescimento econômico e a quem é imputado o sacrifício em prol de um benefício para os demais (Herculano, 2006, p. 11).

Da reflexão à performance: O eco à vida.

Nas margens do rio Subaé, um curso d'água serpenteante, onde a vida se entrelaça com a história, ecoa um silêncio ensurdecedor. Sob o manto das águas, segredos ancestrais e tristezas profundas repousam, enquanto suas correntezas trazem consigo os ecos de uma luta silenciosa. Este rio, outrora fonte de vida e sustento para a comunidade santamarense, agora carrega em suas águas não apenas a força de fertilidade, mas também o peso da contaminação e da injustiça.

294

Mesmo sendo atravessado pela morte, o rio mantém viva algumas espécies vegetais, animais, microrganismos e a própria simbologia da ancestralidade em que algumas pessoas da cidade santamarense cultivam em seu cotidiano. Assim também se faz a relação de mulheres que tiveram a suas vidas atravessadas pela contaminação de chumbo e mesmo assim continuam atuantes na defesa a terra e no combate ao racismo ambiental.

Os estímulos que permearam minha jornada de pesquisa foram como brisas suaves que acariciam a alma, despertando um ímpeto afetivo para a busca do conhecimento. Diariamente, mergulhei nos recônditos das memórias compartilhadas por lideranças sociais, que, por meio de documentos, arquivos e narrativas transmitidas oralmente, revelaram nuances profundas de suas trajetórias pelo recôncavo. A disputa incansável por terras e interesses econômicos, traçando um rastro de sucumbência e

desolação sobre espaços e vidas, emergiu como um eco constante em minhas reflexões.

Apesar dos desafios impostos pela falta de ressarcimento e pelas ameaças que pairam sobre elas como sombras ameaçadoras, essas mulheres persistem com uma resiliência admirável na busca pela preservação da vida e pela justiça que lhes é devida. Durante seis meses imersos em uma dança de trocas e aprendizados, trilhei os caminhos da cidade de Santo Amaro, absorvendo sua dinâmica socio-histórico-econômica com olhos ávidos por compreensão.

295



Figura 2: A artista Dayane Ribeiro nas margens do rio Subaé. Foto de Maciej Rozalski, 2022

Nesse íterim, surgiu a concepção de um programa performático que reverberasse as vivências compartilhadas, entrelaçando os ritos do candomblé como instrumentos de cura e purificação do espaço sensível. Uma instalação performática, por sua vez, tomou forma, tecendo uma tapeçaria visual com fotografias das mulheres que guiaram meu caminho, dispostas em harmonia com os materiais por elas selecionados. Entre esses materiais, destaca-se a "agdá", uma cerâmica de importância cultural e ancestral, em cujas entranhas eram cultivadas plantas com propriedades de

limpeza tanto no plano espiritual afrodiaspórico quanto na prática de fitorremediação, prática que purifica e remedia solos e águas contaminadas por metais pesados. Este estudo foi ampliado através de duas residências artísticas: uma no Porto Dragão, no Ceará, sob o programa Código Aberto pelo Imaginário, e outra no programa Fronteiras e Fricções, realizado pelo Intervalo em parceria com a Universidade Federal da Bahia.

Trocas e possibilidades: A participação no “Xiré Performativo”

A convite do professor doutor Maciej Rozalski, embarquei em uma jornada de grande relevância para a minha carreira, onde o horizonte acadêmico se mesclou com o pulsar artístico da Universidade Federal do Recôncavo. Sob o teto acolhedor do CECULT - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, situado na cidade de Santo Amaro, fui agraciada com a oportunidade de participar de um evento de extensão, um encontro que reverberou além dos limites da academia, alcançando os olhares atentos da comunidade local.

296

Nesse contexto fértil, mergulhamos em uma residência artística na Casa-Teatro Recôncavo, juntamente com outros artistas-discentes que participaram do evento. Ali, vivenciamos um intercâmbio único de saberes, permeado pelas linguagens e estéticas singulares de cada artista. Essa troca fecunda foi fundamental para a gestação de um circuito de apresentações ímpar, onde cada obra desembocava harmoniosamente na seguinte, tecendo uma narrativa performática em movimento, em sentido anti-horário, em um movimento performativo que denominamos Xirê Performativo.

Para tal, utilizamos da metodologia cartográfica entendendo o percurso trinchado pela troca em que demarcávamos como os trabalhos se dialogavam e se complementavam em sequências poéticas e estéticas. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (Passos e Barros, 2009, p.18).

Assim, no dia 31 de agosto de 2022, os frutos desse encontro efervescente ganharam vida no CECULT-UFRB, em uma celebração coletiva onde a

individualidade se fundiu em um corpo único. Nesse ritual de criação, construído em um fluxo inspirado pelos saberes do mestre Nego Bispo Santos (2020) que o chamava de “o início, o meio e o início” se entrelaçaram em um ciclo fluido, envolvendo não apenas o espaço físico, mas também a presença de todos aqueles que habitavam naquele instante a espacialidade, num convite as confluências possíveis.

297



Performance “*Didé: O levante*”, realizada no CECULT-UFRB. Fotos: Lins, 2022



298

Performance “*Didé: O levante*”, realizada no CECULT-UFRB. Fotos: Lins, 2022

Este evento foi um acontecimento de grande relevância dando chão ao trabalho, que pode assim, no fazer e no refazer, ser contemplado com os conterrâneos que contribuíram para que tudo isso fosse possível. Mas do que uma retribuição, um navegar entre as águas onde o rio se torna mar por ser alargado na troca, no retorno.

REFERÊNCIAS

HERCULANO, Selene. Lá como cá: conflito, injustiça e racismo ambiental. I Seminário Cearense contra o Racismo Ambiental. ANAIS..., Fortaleza, 20 a 22 nov. 2006. Disponível em: <http://www.professores.uff.br/seleneherculano/publicacoes/lacomoca.pf> . Acesso em: 16 mar. 2024.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMANINI JR, Moacir. *Ser-pele-ambiente: topografias afetivas e processos de criação nas artes presenciais*. 2021. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas.

SANTO Amaro (BA), município mais contaminado por chumbo no mundo, deve receber centro de referência para vítimas. EcoDebate. Santo Amaro, 21 de março de 2013, Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2013/03/21/santo-amaro-ba-municipio-mais-contaminado-por-chumbo-no-mundo-deve-receber-centro-de-referencia-para-vitimas/> . Acesso em: 16, mar.2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos; MAYER, Joviano. Início, meio, início: Conversa com Antônio Bispo dos Santos. *Indisciplinar*, v. 6, n. 1, p. 52-69, 2020.